

TECER KALUNGA: CONHECIMENTOS QUILOMBOLAS DE TECELAGEM E TINGIMENTO DE TECIDOS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

KALUNGA WEAVING: QUILOMBOLA KNOWLEDGE OF WEAVING AND FABRIC DYEING IN PEASANT EDUCATION

Nelcina dos Santos Rosa,
FUP – UnB

Ivana Sousa Cunha,
FUP – UnB

Andressa Jessica Rosa Dias,
FUP – UnB

Nathan Carvalho Pinheiro,
FUP – UnB

Regina Coelly Fernandes Saraiva,
FUP – UnB

Priscilla Coppola de Souza Rodrigues
FUP – UnB

Cynara Caroline Kern Barreto,
FUP – UnB

Área temática: Educação

Agência de fomento: UnB/DEX

Resumo: Neste trabalho apresentamos registros e reflexões sobre entrevistas realizadas por estudantes quilombolas da Licenciatura em Educação do Campo da UnB com mulheres kalungas que trabalham ou já trabalham com o ofício da tecelagem artesanal. Essas entrevistas subsidiarão produção de material para a escolas do campo do território sobre essa temática.

Palavras-Chave: *Educação do Campo; Quilombola; Tecelagem.*

Abstract: In this work we present records and reflections on interviews carried out by Quilombola students of the Licentiate in Education in the Field of UnB with Kalunga women who work or already work in the craft of handcraft weaving. These interviews will support the production of material for schools in the countryside on this topic.

Keywords: *Peasant Education; Quilombola; Weaving*

INTRODUÇÃO

Enquanto modalidade educacional que respeita a cultura das comunidades em que atua, a Educação do Campo se interessa pelas diversas manifestações culturais locais. Práticas compartilhadas

pelos sujeitos dessas comunidades podem ter tomadas como temas a serem trabalhados na escola e ajudar, através de suas conexões com as diferentes áreas do conhecimento, a construir uma práxis educacional que dialogue com o universo sociocultural desses sujeitos.

Com isso em mente, um grupo de estudantes kalungas, professoras e professores da Licenciatura em Educação do Campo da UnB organizaram o projeto de extensão Tecer Kalunga, que se propõe a investigar a prática tradicional da tecelagem artesanal e do tingimento de tecidos com pigmentos naturais no território quilombola kalunga em Goiás, para então para então produzir subsídios para o trabalho sobre esse tema nas escolas do território.

Esse trabalho iniciou-se com a pesquisa de conclusão de curso do estudante Valdeir Fernandes da Cunha (2021) e atualmente conta com a colaboração de 3 estudantes e 4 professoras da Educação do Campo. Aqui apresentamos 4 entrevistas realizadas por duas das autoras do trabalho. A equipe do projeto construiu coletivamente um roteiro semiestruturado para guiar essas entrevistas, porém elas foram muito elas foram também marcadas pela espontaneidade das ocasiões, inclusive por em todos os casos se tratar de pessoas do convívio próximo das extensionistas. Em coerência com a relação pessoal das autoras com a situação e o tema, optamos por manter os relatos em primeira pessoa.

ENTREVISTAS DE NELCINA DOS SANTOS ROSA

Eu, Nelcina fiz minha primeira entrevista no dia 02 de junho de 2021, com Romana dos Santos Rosa, minha mãe, na comunidade Kalunga Vão de Almas, Município de Cavalcante.

Romana dos Santa Rosa, tem 59 anos, mãe de cinco filhos. Nascida e criada no município de Cavalcante Goiás, moradora da comunidade Vão de Almas. Hoje ela é viúva e mora sozinha cuidando do seu próprio sítio.

No início da conversa ela começou contando sua história de como aprendeu a fiar e tecer com sua mãe que a ensinou. Naquele tempo atrás os pais tinham o dever de ensinar seus filhos como sobreviver, e o serviço das mulheres era aprender fiar e a tecer para no futuro saber fazer para sua família.

Ao longo da conversa, Romana descreveu em detalhes o processo da tecelagem. Primeiro, precisa plantar o algodão que leva um tempo para a colheita. Depois que ele dá os capuchos, amadurece e abre, para depois fazer a colheita. Pegar o algodão com cuidado sem deixar cair e não correr o risco de sujar, para que esteja bem limpo na hora de escapochar e bater. O procedimento leva um tempo para que tudo dê certo. Fiar, urdir e tecer é um processo longo que precisa de muita habilidade e paciência para que o procedimento seja bom e não de trabalho na hora que o pano vai ser colocado no mourão para emendar e urdir. Se tiver uma linha errada pode estragar o pente e o aviamento.

Na hora de urdir é necessário usar torno, fita métrica, facão. Os tornos são para deixar a linha bem alinhada, já a fita métrica é para medir o tamanho que o pano e a coberta vão ficar. O facão é um

pedaço de buriti que tem vários furos para colocar as linhas dentro para puxar certinho.

À noite, falamos sobre o passado e como as mulheres viravam a noite fazendo o processo para dar andamento à tecelagem. Naquele tempo as mulheres não tinham luz como hoje elas usavam a candeia/lamparina a óleo para fiar. Era muito difícil para as mães que tinham muitas crianças e precisavam fazer várias cobertas para embrulhar porque naquele tempo fazia muito frio e era o único meio de sobrevivência.

Hoje a dona Romana não está fazendo tecelagem porque perdeu seus equipamentos quando a casa pegou fogo a uns anos atrás. Mas ela tem muita vontade de continuar. Para distrair, hoje ela vive das seguintes funções como; costura, bordado, tapetes e cuida da horta e do seu quintal que tem vários tipos de plantios como; café, mandioca, algodão, laranja, mexerica e suas plantas medicinais e outros. Segue um trecho do depoimento dela:

Eu sou Romana dos Santos Rosa moro na comunidade Vão de Almas nascida e criada aqui, aprendi com minha mãe a tingir de anil. O anil é uma planta verde, a gente pega as folhas verdes sem os brotos e coloca numa vasilha de água morna. Coloca ele no sol, tem que ficar no sol que ele vai soltando aquela nata azul que é a tinta, até chegar ao ponto de colocar miada. Deixa por uns dois ou três dias e aí ela vai chegar à cor azul nos três dias, pega as folhas macerar elas, coa, coloca miada, aí vai mexendo a meada vai pegando a cor que a cor azul claro. Por último coloca elas para secar na sombra.. (Depoimento de Romana dos Santos Rosa colhido pelas autoras)

Foram feitos fotos, vídeos e áudios do processo, registrando materiais utilizados e ferramentas como: planta cabelo de negro, fuso, desmanchador de meadas. Tem dois jeitos de coxinilho. Cabelo torcido e cortado. O cabelo torcido fica mais curto e cortado fica mais comprido e com volume.

Posteriormente, no dia 05 de junho de 2021, entrevistei Paula Pereira Dias na mesma comunidade. Paula é casada e vive na sua residência com seu esposo e uma filha. Ela tem cinquenta e quatro anos e vive de renda do seu trabalho artesanal e agricultura familiar. A entrevista foi muito produtiva, ela ficou muito satisfeita de ter sido convidada para contar um pouco de sua experiência com a tecelagem. Neste dia, convidei a dona Romana para acompanhar a entrevista da Paula e ela aceitou!

Chegando lá Paula já estava fazendo seus trabalhos, que era descaroçar o algodão com sua filha, Maria Antônia que está em fase de aprendizagem. Assim que sua filha terminar as atividades escolares ela vai ajudar a fazer o serviço mais leve e aprender um pouco da sua própria cultura.

Foi muito divertido a nossa chegada e aproveitamos logo para colocar a entrevista em dia. Fiz logo umas fotos e vídeos dela e sua filha fazendo as atividades. E em seguida tirei fotos delas e Romana mostrando como é fiar. Paula foi mostrar como bater o algodão, encher a canela e colocar na lançadeira, mostrar o fuso cheio de pavio. Foi feito fotos do aviamento, mourão, novelo de linha e pavio, batedor do algodão, descaroçado. Paula contou que aprendeu com sua tia e avó porque sua mãe não tinha paciência para ensinar ela. Por esse motivo ela não sabe fazer tingimento natural. Ela sabia que usavam,

mas não fazia. Hoje ela usa tintas para algodão.

No final da tarde, demos início à preparação do jantar e tivemos que socar o arroz no pilão que é feito de madeira. Foi muito interessante, já fazia muito tempo que não praticavam essa atividade, socar/pilar de três pessoas. Fiz foto e vídeo para mostrar como é a vida das mulheres na comunidade Vão de Almas.

Figura 1 – Exemplo de fotografia com ferramentas e produção das entrevistadas



Fonte: as autoras

ENTREVISTAS DE IVANA SOUSA CUNHA

Eu, Ivana, realizei minha primeira entrevista no dia 27 de junho de 2021, no povoado Capivara, dentro da Comunidade onde eu vivo, com a senhora Edita de Torres Magno Dias. Ela tem 66 anos, é casada e mora com seu esposo, cheguei eles estavam já no almoço, após o quimo, eu e ela ficamos na cozinha e damos início ao assunto, ela nasceu e foi criada aqui na comunidade, tem 8 filhos, aprendeu a fiar com 12 anos de idade, onde acompanhava sua mãe na colheita do algodão separação do branco e pardo e os processos iniciais. Bom veio seus 15 anos e para seu mistério de casa como herança, e crença, e dever e obrigação de toda família, toda jovem moça teria que aprender esses afazeres domésticos, dedicados como escola de casa, Fiar, urdir e Tecer. Dona Edita aprendeu a tecer com sua mãe Santana, e sua mãe aprendeu com a minha vó, Simiana, a quem lhe deu direito de conhecer a roda de fiar. Conta senhora Edita, que um certo dia a sua mãe foi dormir na casa da irmã, e sua vontade era muito,

aproveitando uma noite clara, ela levantou e foi urdir o pano da sua mãe, era 4 quartas de linha grande, mediu, bateu os tornos, e pegou o facão e novelo de linha, onde fez 6 viaje um cobriste, que dividia dava 12, ela urdiu o pano no terreiro de casa, e ficou os caminhos no chão, assustou sua mãe ao chegar em casa, porem a pergunta foi se ela tinha feito tudo direitinho, disse senhora Edita sim. O tear de 21, com 2 cobriste então daí pra frente ela era responsável por urdi e amarrar a linhas.

Senhora Edita casou com 21 anos prendada com todos os fazeres daquela época, onde tingir somente com anil, e fiar nas pernas, porem fez muitas peças para família, como cobertores, para cobrir seus filhos, muitos acidentes acontecia e ainda acontece na comunidade, como queima de casas e assim muitas mulheres como ela perderam seus teares, apesar que hoje nem fiar ela não consegue, mais, pois a pratica obriga ficar muito tempo sentada e ela não suporta o esforço.

Foi muito gratificante o nosso encontro, ouvindo histórias de vida, cultura da minha comunidade, e da minha família, que minha mãe não pode me contar, pois ela não teve a sua em vida para ensinar, e nem presenciar toda essa arte, que orgulhosamente, muitas mulheres carregam em suas belas mãos e mente.

Minha segunda entrevista foi feita no dia 26 de junho de 2021, no povoado Gameleira dentro do território para dar início a uma entrevista com senhora Brígida. Senhora Brígida é casada, mora com seu esposo, e um casal de netos. Lá estavam somente ela e sua neta Jussara que, estava cuidando da casa e do almoço. Ela tem setenta anos mãe de cinco filhos, nasceu no Vão do Moleque mudou para a comunidade Vão de Almas com seus dez anos de idade, hoje vive da sua aposentadoria por idade, e o cultivo da agricultura familiar, os frutos que os Kalunga produzem nos quintais de casa.

Apesar de não exercer mais o trabalho do tecer, a convidei para entrevista e ela aceitou, então fomos para sala e começou me falar que aprendeu com sua mãe, dona Tereza. Aprendeu a colheita, separação do melhor capucho processo do encapuchar na época começou fiar para pavio de lamparinas, e logo estava, apreendida. Toda moça precisa aprender o processo tecer, isso era dever de todas as donas de casa passar para suas filhas ou netas, cultura de geração para cada geração, como não tinha a oportunidade de estudar, esse era o aprendizado mais digamos e valorizado. Dona Brígida aprendeu Tecer o chamado Tudo Tem, era tecido mais fácil e simples, sem cores, natural, cada mulher tecia de um jeito, e uma apreendia com a outra pela beleza das cores e os dobrados, conta ela que a minha vó paterna dona Fulgência tecia de modo que ela quis muito apreender e que era o mais difícil chamado Espada virada, era colados três fios de azul pra cima e três de branco deitado, onde as mulheres chamava de caracol virado, usado para vestido, rede, e camisa. O processo é longo, requer tempo, paciência, habilidade e muita dedicação no Fiar, urdir e tecer. O processo do tingir, com a folha do anil, era ferver as folhas e galhos, juntamente com casca do cabelo de negro e o bico de papagaio, misturava água de bananeira usada como nódia, na lua crescente ou na nova, coava a calda quente e colocava numa vasilha na sobra, debulhando as miadas dentro e deixando a de molho por um determinado tempo, secar na

sombra. Dando uma cor vermelho, meio vinho. Faz mais de 8 anos que não trabalha mais como tecelã, por problemas de saúde, e perda por estar mais presente na vida dos netos, e não ter mais o tear, porém passou para sua irmã a herança que herdou da mãe. Ela me levou no quintal da sua casa onde me mostrou o começo de uma horta, e onde com muita dor me compartilhou a última lembrança de uma peça uma coberta, feita não por ela mais por uma outra mulher que vendeu para seus filhos e a dona era uma das suas filhas que hoje não existe mais, então tirei fotos do cobertor e terminamos com um café.

PRÓXIMOS PASSOS

Esse é o registro de um processo de diálogo em andamento com as comunidades que pretende chegar na Escola Calunga. O projeto segue trabalhando em, a partir de uma análise dos registros que fizemos até aqui e de pesquisas bibliográficas, produzir um material adequado para trabalhar o tema em sala de aula, envolvendo o ensino de ciências e de outras áreas.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Valdeir Fernandes Da. **Entre linhas e malhas, o ensino de ciências por meio da tecelagem kalunga na comunidade Vão de Almas**. 2021. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (LEdoC) UnB, Planaltina, 2021.